

## **A voz do aluno do século XXI que frequenta a escola pública na Paraíba**

Paulo Henrique Souza de Melo

Rodolfo França de Souza

*Universidade Federal da Paraíba*

*souzafrrodolfo@hotmail.com*

*pauloo\_henrique@hotmail.com*

### **RESUMO:**

Perante todo o quadro de desconhecimento completo sobre a condição do discente e todas as conturbações político-sociais, além da recente reforma do ensino médio, explicita-se a necessidade latente de um levantamento referente a condição do discente que frequenta a escola pública na Paraíba. Presencia-se um modelo de escola incompatível com o novo perfil do corpo discente. Todo o projeto escolar, bem como toda a estrutura das escolas são desenvolvidos sem o mínimo conhecimento do seu público. Todo este projeto é implementado da forma menos democrática, deixando assim todo o conjunto defasado, visto a incapacidade do sistema em atender os desejos e anseios mínimos do corpo discente. Tomando como apoio os estudantes do 1º ano do ensino médio da Escola Estadual Professora Olivina Olivia sob a iniciativa do PROLICEN-UFPB que este trabalho vem apresentar os primeiros resultados desta pesquisa que aborda uma temática inovadora ao buscar a materialização da condição de uma parcela grande e mal atendida do ensino básico, além disto, busca-se restabelecer o diálogo entre professor-aluno tão desgastado com as diversas relações conflituosas. Além do mais, todo o projeto busca conhecer e analisar a relação desenvolvida entre escola-professor-aluno, isto partindo do universo estudantil, afim de traçar um perfil e um novo caminho a ser seguido pelas instituições de ensino público, com o propósito de melhorar a relação entre escola-professor-aluno. A partir de uma abordagem dinâmica busca-se saber todos as dificuldades que afligem esse discente que conseqüentemente geram problemas graves nos resultados que são esperados ao final de cada ano letivo. Entendendo como funciona o mecanismo de desestímulo presente no ensino médio, espera-se contribuir para o grande debate geral e nacional sobre a área do ensino básico, que majoritariamente enfoca-se na condição docente. O projeto está em atual estado de desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Básica, Condição Discente, Políticas de Inclusão, Educação no Século XXI.

## **Introdução**

Desde o fim da ditadura militar no Brasil, o país vem trazendo finalmente os benefícios da modernização para novos setores sociais, entre eles a educação. Na segunda metade do século XX, mais precisamente a partir da década de 80, a educação seguia objetivos bem definidos de formar mão de obra qualificada e letrada para suplantiar o processo industrializante, uma escola que apenas servia com passaporte para o ensino superior, este, que era de difícil acesso. O fator econômico diria quem seria ou não capaz de adentrar no ensino superior. Pessoas das classes menos abastadas da sociedade não conseguiam se sustentar e tinham de trabalhar para tirar o sobrevivente, muitas vezes abandonando os estudos.

Ainda no governo de FHC, na década de 90, foram dados os primeiros passos objetivando mudanças educacionais perante a este novo quadro social, político e econômico vivenciado pelo país. Em 1996, a lei de diretrizes e bases expõe a necessidade urgente de se repensar a educação no país como um todo, devido as rompantes mudanças impostas pela terceira revolução industrial, esta que iria por de ponta cabeça todas as relações dos agentes envolvidos com educação, um fenômeno global de metamorfose social. Formulando um quadro no qual o desafio é se preparar para um novo mundo tecnológico e conseguir receber esse contingente enorme da população que não tinha nenhuma familiaridade com os conhecimentos mais básicos, com pouca ou nenhuma crítica da realidade real, cotidiana. Sem nenhuma discussão com os agentes diretos envolvidos no processo, repete-se, novamente na história do nosso país, a transferência de responsabilidades sobre ações sem planejamento. A amarga consequência sobrecarrega nos professores e primariamente dos alunos. Assim sendo, o hoje adquire novas características ainda não bem categorizadas devido a rápida transformação social que atingiu as últimas décadas. Porém, até que ponto essa

democratização confluiu com a qualidade de ensino. Qual a identidade desse estudante do século XXI, que, em sua parcela, tem acesso a internet e novos meios de comunicação e acesso a informação, como esses elementos influenciam a escola e a educação e quais foram as reações dessa escola a esses estímulos?

Diversas políticas públicas foram responsáveis por facilitar o acesso a educação básica, que incentivam ou até mesmo “obrigam” a ocupação das escolas. Entretanto, este acesso restringiu-se apenas no campo das estruturas, transformando os discentes apenas em números para programas eleitorais, visto que, o conhecimento não acompanhou esta evolução.

Presencia-se um modelo de escola incompatível com o novo perfil do corpo discente. Este novo público que chega às instituições de ensino básico não é recebido da melhor forma pelo corpo docente, visto que, este é um grupo que ainda não está preparado para lidar com as novas formas de relações desenvolvidas pelas Revoluções Tecnológicas. A escola também não consegue acompanhar estas transformações desenvolvidas pela sociedade, gerando um desconhecimento do seu próprio público, culminando assim, em um projeto escolar incompatível com os anseios e desejos do corpo discente, isto pois, a uma desproporcionalidade entre o que é proposto nos currículos escolares e a realidade da sala de aula.

Este contexto, resulta em uma didática incompatível com a nova realidade deste discente. Analisando este quadro no ensino da história o conjunto é ainda mais agravante, isto pois, o ensino torna-se falho, por reduzir-se a apenas uma mera cronologia ou uma gravação de acontecimentos históricos. Sem saber lidar com este novo público, o professor torna-se uma máquina programada para repetir conteúdos desconexos com a realidade e o alunado não vendo nenhuma utilidade nestes conteúdos para a sua vida acaba perdendo o interesse e o atrativo pela sala de aula.

Tomando conhecimento deste quadro, faz-se necessário restabelecer o diálogo entre professor-aluno tão desgastado com as diversas relações conflituosas. Além disto, todo o projeto buscar conhecer e analisar a relação desenvolvida entre escola-professor-aluno, isto partindo do universo estudantil, afim de traçar um perfil e um novo caminho a ser seguido pelas instituições de

ensino público, com o propósito de melhorar a relação entre escola-professor-aluno, desenvolvendo uma nova dinâmica e conseqüentemente melhorando o quadro para todas as partes envolvidas na educação básica.

Todo o projeto foi estruturado para os alunos do 1º ano do ensino médio da Escola Estadual Professora Olivina Olivia, isto pois, este aluno acaba de chegar no ensino médio cheio de expectativas para esta nova fase e é a partir daí que ele provavelmente irá vivenciar todas as desilusões perante a nova etapa da sua formação escolar. Dando liberdade criativa a cada aluno, todas as informações obtidas advieram de uma abordagem dinâmica sem a imposição de um método, deixando o discente se expressar bem como a sua vontade e criatividade.

### **Escola pública**

Parece óbvio que escolas de qualquer tipo deveriam, em partes, ser feitas pensando no seu próprio público, o corpo discente, a quem “todos” daquele meio se propõem a trabalhar em seu benefício. Entretanto, observa-se uma escola pública feita para todos, menos para o próprio alunado. Mesmo este estando cinco dias por semana, 220 dias por ano, quatro horas por dia, 1.200 horas por ano dentro das instituições, a sua voz não é ouvida e os seus anseios e desejos mínimos não são atendidos pela instituição que deveria ser prioritariamente estrutura para o próprio estudante. Pensa-se sempre na condição do docente e na vida difícil que este leva cotidianamente ao enfrentar turmas desobedientes, mal-educadas e o velho e novo “não querem nada com a vida”. Todavia, ignora-se que todo o conjunto imposto ao corpo discente acaba gerando um processo desestimulador, e o aluno termina indo diariamente as escolas por simples obrigação dos pais ou responsável, ou ainda utilizam as escolas como mecanismo para assegurar benefícios sociais, visto que, o governo elege como requisito a frequência escolar.

Escolas públicas sofrem de uma carência múltipla, indo desde questões estruturais até burocracionais, como a falta de funcionários administrativos e professores. Aquelas, demonstram uma relevância importante no processo desestimulador, visto que, nem o básico em questões de estrutura das salas,

dos ambientes de convivência são feitos pensando no aluno. Fator este, bastante nítido nas visitas realizadas na Escola Estadual Professora Olivina Olivia, isto pois, os alunos associavam a aparência da escola a de um presídio, tudo muito branco, liso e com grades. Entre os alunos cada sinal ecoado para sinalizar o fim de uma aula era caracterizado como o “toque do presídio” e o intervalo recebia o “sinônimo”, “banho de sol”.

### **Primeiro contato**

Depois de dois anos de vivência acadêmica acaba-se acostumando-se com a dinâmica e rotina deste outro mundo e chegar na Escola Estadual Professora Olivina Olivia foi um choque de realidade. Duas impressões se destacaram inicialmente na chegada a escola. A primeira, refere-se a própria estrutura que não condiz com um ambiente escolar. Todos os espaços são gradeados, uma estrutura grosseira, pálida e intimidatória. A segunda, refere-se a dinâmica da escola, para quem é de fora tudo que se pensa é; “este lugar é uma completa bagunça”. Alunos gritando pelos corredores, nenhuma ordem durante as aulas que acaba atrapalhando as turmas que eventualmente estão com professor.

A partir deste primeiro contato, surgiram também os primeiros empecilhos para o desenvolvimento do projeto. O primeiro ponto de destaque, é a condição socioeconômica dos alunos. Este ponto dificultaria a tentativa de desenvolvimento do projeto no contraturno, visto que, os alunos teriam dificuldade de bancar tanto as conduções como a alimentação pra se manter na escola. Além disto, foi exposta a realidade das aulas, estas estariam atrasadas por conta das greves que se sucederam durante o ano, dificultando também o desenvolvimento do projeto paralelamente ao turno das aulas.

Toda a dinâmica da escola pode ser constatada e estruturada durante a observação da aula de biologia na turma do 1º E. A partir desta experiência, foi possível constatar alguns pontos referente a performance dos alunos, a relação aluno-professor, o desenvolvimento da aula e o interesse da turma pelo assunto exposto. Destaca-se dois pontos que ganharam notoriedade com esta observação. O primeiro, foi o despreparo da professora para explanar o assunto

e o tornar mais próximo e atrativo para os alunos, a aula se resumiu a apenas alguns tópicos escritos no quadro. O segundo, consequência do primeiro, foi o completo desinteresse de todos os alunos pelo assunto da aula, estes se importavam mais em receber o visto pelo material escrito, afim de garantir uma pontuação ao final do bimestre.

Apoiado em todas as informações coletadas nesta primeira visita traçou-se as primeiras e possíveis estratégias para incorporar os alunos à realização das atividades propostas pelo projeto.

## **O Convite**

Realizando a segunda visita a Escola Estadual Professora Olivina Olivia foi possível vivenciar experiências relevantes. Primeiramente, todo um plano foi traçado com o intuito de explanar o projeto e convidar os alunos. Todavia, a possibilidade de que este plano não poderia ser aplicado para determinadas turmas foi desconsiderado, e conseqüentemente, logo na primeira sala o desenvolvimento da metodologia não se deu da forma esperada. No calor do momento o convite acabou-se por desenvolver-se de uma forma completamente diferente do planejado. Após este momento conturbado, analisou-se que cada turma contém as suas especificidades, e nem sempre uma proposta de dialogo vai fluir da mesma forma em todas as salas, momento ainda mais significativo para o arcabouço acadêmico na formação de futuros professores, visto que, nem sempre um plano de aula ou uma proposta de atividade didática irá ter a resposta esperada em todas as turmas, sendo sempre necessário que o professor conheça o seu público e tenha sempre um plano “B” para contornar possíveis desencontros. A partir disto, toda a forma de abordagem foi repensada, levando em consideração o desenvolvimento de cada turma no desenvolver da conversa.

O desenrolar das 9 turmas acabou-se por desenvolver-se de uma forma bastante satisfatória. Um dos pontos altamente positivo, e que de forma excepcionalmente chegou a surpreender foi a adesão dos alunos com o projeto, principalmente quando era exposto que o mesmo tinha a finalidade de ser agente modificador na escola em benefício dos mesmos, havendo uma média de 10/12 alunos por turma.

Um bom exemplo deste ponto, foi quando ocorreu uma nova visita a sala do 1º E. Primeiramente, nesta turma não querendo atrapalhar muito o pouco tempo que o professor tinha, o projeto foi exposto de forma bem sucinta, resultando em uma adesão relativamente baixa se comparada com a outras turmas. Entretanto, após constatar esta baixa adesão, todo o discurso foi reformulado, enfatizando a importância do corpo discente e o papel modificador que este pode ter a partir deste projeto. Com isto, os alunos passaram a ter outra visão do projeto e conseqüentemente a adesão da turma aumentou.

É ressaltante a dificuldade em desenvolver um diálogo com a turma de uma forma geral. Na maioria destas, uma parte considerável dos alunos não são compreensivos e a bagunça acaba sendo generalizada, sendo sempre necessário reformular o discurso com o intuito de atrair o maior número de pessoas.

## **O Aluno**

Retornando a Escola Estadual Professora Olivina Olivia, desta vez para conhecer melhor esse aluno a qual foi proposto estudar a sua condição. Novamente foi possível absorver experiências ímpares, desta vez a partir de um questionário aplicado entre os alunos que se propuseram a participar do projeto.

O primeiro dado de destaque, e que coloca em risco todo o discurso exposto pela grande maioria, é se este aluno pretende continuar os estudos após concluir o ensino médio. Incrivelmente, 98% dos alunos entrevistados assinalaram que pretendem continuar os estudos. Este número quando explanado e analisado nos traz o seguinte questionamento: esse discente realmente “não quer nada com a vida”? Será mesmo que este aluno não tem nenhuma perspectiva para o seu futuro ou todo o sistema lhe faz crê que um futuro não lhe é possível? Todo o conjunto, como dito inicialmente, acaba gerando um processo desestimulador, alunos iniciam o ensino médio cheios de sonhos e desejos futuros, mas a sua condição imposta da forma mais covarde é instituída de forma proposital pelo sistema como relata Darcy Ribeiro em Sobre o óbvio\*.

Perguntados se acreditavam que os assuntos vistos em sala poderiam ser úteis para a sua vida, os alunos posicionaram-se de forma bem dividida. 48%

assinaram que os assuntos vistos em sala seriam sim úteis para o seu futuro, justificando entre a maioria que os assuntos seriam necessários para a faculdade ou para o trabalho. Já 45% assinalou que apenas alguns assuntos poderiam ser úteis para o seu futuro, destacando as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática entre os assuntos que mais lhes serviriam. Finalizando, 6% responderam que nenhum dos assuntos apresentados na escola seriam úteis para o seu futuro.

Outro ponto que merece destaque deste perfil do aluno é o quesito destino a saber qual a profissão esse discente pretende seguir após terminar os estudos. No total de 60 participantes, apenas 4 pretendiam seguir a área da docência. Este é um ponto alarmante chegando a despertar preocupação, visto que, apenas reflete o quão desgastante está a relação aluno-professor, e o quanto a profissão da docência é má vista pelo próprio corpo alunado, tudo que este discente vivência diariamente nas escolas só lhe faz criar maior aversão a profissão de docente.

A escola parece, por vezes, atuar unicamente como ambiente social, no qual esses jovens irão passar um período da sua vida. Não obstante, nem mesmo o próprio cotidiano do aluno é valorizado, a escola então surge para alguns como uma “inimiga” a ser combatida. Cotidiano este, que não deveria ser negligenciado, pois faz parte do processo educacional, a escola deveria conviver em comunidade, mas, ao contrário, o observável é uma instituição disassociada da sociedade, que pretende funcionar em bases pouco flexíveis e excludentes.

O ensino superior tende, incluindo os cursos de licenciatura, a ignorar a realidade escolar brasileira, formando profissionais que concluem a graduação pouco munidos das ferramentas necessárias para objetivamente transformar esse quadro educacional. A produção acadêmica dificilmente chega nas escolas, estas que parecem viver em uma realidade completamente diferente da universidade, apenas servindo como um mero passaporte. A situação agravou-se ainda mais com o estreitamento do processo seletivo pelo ENEM. Agora as escolas, são obrigadas a entrar em uma corrida ensandecida, ignorando os processos individuais de cada aluno e as implicações da educação na vida dessas pessoas.

Envolto a esses processos, está o aluno, frequentando não só uma escola, mas um cotidiano que não consegue atender as suas necessidades, nem mesmo escuta sua voz, seus anseios. Sua narrativa é ofuscada em detrimento aos professores e políticas.

### **Produção Audiovisual**

Dando prosseguimento aos trabalhos, o projeto iniciará as rodas de conversa e como uma forma de capturar a voz desse estudante, decidiu-se conduzir uma produção audiovisual em formato de documentário. Partindo do pressuposto que a própria produção será gerida pelos alunos e os assuntos de interesse serão decididos majoritariamente por eles, os pesquisadores apenas irão conduzir e auxiliar num grau mais técnico, equipamentos e formulação da narrativa cinematográfica, que também será pensada juntamente com os estudantes.

Rodas de conversa serão feitas, com intuito de capturar e criar o ensejo de desenvolvimento das capacidades artísticas e técnicas desses alunos. A produção almeja criar uma ponte entre universidade e escola pública, denunciando para os professores, futuros professores e sociedade, os problemas de uma educação que não é destinada aos próprios estudantes.

## BIBLIOGRAFIA

ALGEBAILLE, Eveline. **Escola pública e pobreza no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, Faperj, 2009.

ALVES, Marcedonia Oliveira (Org.). **Construindo Saberes: práticas pedagógicas em sala de aula**. João Pessoa, Ed. JRC, 2010.

ALVES, Nilda (org.). **Formação de Professores: pensar e fazer**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

\_\_\_\_\_ **A pedagogia dos caracóis**. Campinas, SP: Verus, 2010.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (orgs.). 14.ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2013.

CIAMPI, Helenice. **A História pensada e a história ensinada: da geração das certezas à geração das incertezas**. São Paulo: Educ, 2000.

CONSANI, Marciel. **Como usar o rádio em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2012.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FRANCO, Renato. **Aprendendo história: reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

GHIRALDELLI JUNIOR, Geraldo. **História da Educação Brasileira**. São Paulo: Cortez, 2009.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar: respeitar primeiro, educar depois**. Porto Alegre: Mediação: 2013.

KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2013.

LIMA, Damião de. **Democratização do ensino e nova realidade docente**. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História, Natal/RN, 2013.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes Faria; VEIGA, Cynthia Greive (orgs). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

PACHECO, José; PACHECO, Maria de Fátima. **Diálogos com a escola da ponte**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2014.

PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria Socorro L. **Estágio e docência**. 7ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PINSKY, Carla Bassanery.; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Novos temas nas aulas de história**. São Paulo: Contexto, 2009.

PINSKY, Jaime. **Por que gostamos de história**. São Paulo: Contexto, 2013.

PINSKY, Jaime (org.). **O ensino de história e a criação do fato**. São Paulo: Contexto, 2012.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. São Paulo: Cortez, 1989.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

RODRIGUES JÚNIOR, José Florêncio. **Como administrar a sala de aula – fundamentos e prática**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2012.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2013.

SAVIANI, Demerval. **Educação Brasileira: estrutura e sistema**. São Paulo: Cortez, 1996.

\_\_\_\_\_. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SELBACH, Simone (supervisão geral). **História e didática**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2013.

SILVA, Cristiani Bereta da; ZAMBONI, Ernesta (orgs.). **Ensino de história, memórias e culturas**. Curitiba, CRV, 2013.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Infância, escola e pobreza: ficção e realidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

VIANA, Fabiana da Silva...(et al.)(orgs.). **A qualidade da Escola pública no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

ZABALA, Antoni. **A Prática educativa: como ensinar**; Trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre, Ed. Artmed, 2009